

Os carrapichos de Lobato: permanência e transcendência do universo do Sítio do Picapau Amarelo em tempos de modernidade líquida

Lobato's kinking: Existence and Transcendence of Sítio do Picapau Amarelo's Universe in time of liquid modernity

Por Luciane Maria Wagner Raupp

Mestre em Ciências da Comunicação

Professora de Letras (FACCAT)

Professora de Língua Portuguesa e Literatura (FE)

Resumo:

O universo do Sítio do Picapau Amarelo permanece encantador, contrariando a fluidez de nossos tempos de “modernidade líquida”. A transcendência desse universo não se deve apenas à óbvia visibilidade proporcionada pelas sucessivas adaptações televisivas, mas pelo processo de identificação, do “encarrapichar” dos leitores e telespectadores pelos conteúdos representados na ficção. Esses conteúdos aludem ao saudosismo rural impregnado na cultura brasileira, à exploração de sentidos e à definição de valores e de papéis sociais e familiares.

Palavras-chave:

Sítio do Picapau Amarelo. Modernidade líquida. Identificação.

Abstract:

The universe of “Sítio do Picapau Amarelo” remains enchanting, opposing the fluidity of our times of “liquid modernity”. The transcendence of this universe is not just due to the obvious visibility provided by the successive television adaptations, but by the process of identification, of “knotting” the readers and spectators to the contents presented in fiction. These contents allude to the rural nostalgic impregnated with the Brazilian culture, with the exploration of feelings and with the definition of values, social and familiar roles.

Keywords:

“Sítio do Picapau Amarelo”. Liquid Modernity. Identification.

Em tempos de “modernidade líquida”,¹ de pensamentos fragmentados, de entidades e identidades estilhaçadas, configura-se como, pelo menos, curioso o fato de algumas manifestações culturais transporem seu tempo, perpetuando-se, embora modificadas, de geração a geração. É o caso do universo paralelo criado por Monteiro Lobato no conjunto de suas obras infantis. Lobato manifestava, em carta enviada a Godofredo Rangel, a seguinte intenção:

ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusóe do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no Robinson e n’Os filhos do Capitão Grant.²

¹ Faz-se referência à obra: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

² Trata-se das cartas de Monteiro Lobato a seu amigo Godofredo Rangel publicadas em: LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 239.

Monteiro Lobato, apesar de seu espírito visionário, certamente não imaginaria quantas crianças não só viriam a morar nas páginas de seus livros, como também – e principalmente – o universo por ele criado penetraria nos lares brasileiros por meio das telas televisivas. Iniciado em 1921, com a publicação de *A menina do nariz arrebitado*, mais tarde rebatizada de *Reinações de Narizinho*, o processo de criação e recriação desse universo nunca parou. Escapou às mãos de seu criador, entregando-se a outras formas de realização que, dialeticamente, complementam-se e alimentam-se dos originais literários. Além da óbvia recriação feita por cada leitor, em sua perspectiva singular, o material imagético do Sítio foi apropriado, incorporado, relido por outros meios de expressão, instaurando semioses das mais diversas.

Nessa perspectiva de recriação, há que se sublinhar a visceral importância que as diversas adaptações televisivas tiveram na perpetuação do universo do Sítio. Embora as releituras distanciem, em maior ou menor grau, os conteúdos representados dos originais literários, a força das personagens lobatianas faz com que as características essenciais sobrevivam em qualquer meio de expressão. Como se comenta, Monteiro Lobato, hoje, é um escritor muito conhecido, mas pouco lido. Esse “dar-se a conhecer”, ou seja, a sua visibilidade, deve muito ao meio de comunicação de massa que se tornou a televisão a partir da década de 1970 no Brasil.

Neste artigo, procurar-se-á lançar luz sobre os motivos da permanência do interesse sobre o Sítio e seus personagens, baseando-se em hipóteses complementares que transcendem a obviedade da visibilidade televisiva. Essas hipóteses dizem respeito à representatividade “encarrapichada” do espaço e dos personagens, que “pega” o leitor ou o telespectador não apenas por todos os sentidos objetivos mas também pelos sonhos para os quais os transporta.

O processo de “encarrapichamento”

Monteiro Lobato, também em carta enviada ao seu amigo Rangel, reflete sobre o ato de criação literária:

[...] o certo é apenas sugerir – é dar um rápido relevo de estereoscópio com meia dúzia de pinceladas rápidas e manhosas. Pinceladas carrapicho, nas quais se enganchem as reminiscências do leitor. Forçamo-lo a colaborar conosco – ele vê mil coisas que não dissemos, mas que com os nossos carrapichos soubemos acordar dentro dele.³

Com que palavras e conteúdos Lobato deu suas “pinceladas carrapicho”? Como engata seus leitores em suas obras? De certa forma, Lobato diz, de uma maneira simples, o que mais tarde teorizou Iser acerca do ato de leitura. Para o teórico, as palavras são índices que ativam a memória. Assim, “busca-se relacionar o não-idêntico ao familiar e compreensível”.⁴ A estratégia de Lobato de “engancha as reminiscências do leitor” encontra eco, portanto, na teoria de Iser na medida em que ambas sublinham a importância das experiências prévias do leitor, em um processo de identificação, e da importância das lacunas, das indeterminações a serem preenchidas pelo leitor. Essa importância é salientada nas palavras do teórico:

Não há dúvida de que o texto inicia sua própria transferência, mas esta só será bem sucedida se o texto conseguir ativar certas disposições da consciência – a capacidade de apreensão e de processamento. Referindo-se a normas e valores, como por exemplo o comportamento social de seus possíveis leitores, o texto estimula os atos que originam sua compreensão.⁵

Como aponta Iser no excerto, um texto só será bem sucedido se conseguir estimular sua própria compreensão, “encarrapichando-se” nos sistemas de normas e valores interiorizados na consciência de seus possíveis leitores. Entendendo-se “o processo de leitura como interação dinâmica entre texto e leitor”,⁶ sabe-se que só se obtém prazer dessa experiência “[...] no momento em que nossa produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer as

³ LOBATO, 1959, p. 13-14.

⁴ ISER, Wolfgang. *O ato de leitura*. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1996a. p. 53.

⁵ ISER, Wolfgang. *O ato de leitura*. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1996b. p. 9.

⁶ ISER, 1996b, p. 10.

nossas capacidades”.⁷ Trata-se, assim, de deixar margem à interpretação do leitor. O autor não pode ter a pretensão de dizer tudo, mas “sugerir”. Monteiro Lobato parece intuir isso. Nas palavras do autor, “isto mostra como a extrema sobriedade, quando hábil, desentranha maravilhas na imaginação do leitor – e o tolo as vai atribuindo ao romancista esperto. Em suma, o caso é de esperteza, como nas fábulas do jaboti. Fazer que o leitor puxe o carro sem perceber. Sugerir. Arte é isso só”.⁸

Percebe-se, a partir do excerto, a necessidade da sugestão, de ativar os conhecimentos prévios do leitor, tomando por base a ideia de que o texto ficcional, de acordo com o que teoriza Iser, existe como produto de efeitos estimulados no leitor. Não é possível dizer, por isso, que se “decifra o sentido” de uma obra literária: levantam-se sentidos possíveis. Esse potencial de sentido, por sua vez, nunca será plenamente elucidado. Isso torna a análise literária a arte do “enquanto”.

Essa perspectiva de compreensão do texto ficcional a partir das reminiscências e das individualidades dos leitores poderia apontar para um certo caos interpretativo. Não se trata disso. De acordo com Iser, “Ainda que sejam individuais em cada caso, as nuances de sentido constituído, o próprio ato de constituição tem características assinaláveis em que se baseiam as realizações individuais do texto; por conseguinte, elas são de natureza intersubjetiva”.⁹

Essa dimensão intersubjetiva do ato de leitura leva a algumas considerações acerca da permanência e da transcendência dos “carrapichos” das obras infantis de Lobato. Quais seriam os conteúdos representados por Lobato tão preciosos ao público literário e televisivo que perpetuam sua obra? Certamente, a resposta passa pela questão de valores e de traços que permitem a identificação do leitor.

O lugar de resistência como hipótese

Em tempos de “modernidade líquida”, vivendo em uma sociedade “que tornou incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais”,¹⁰ encontrar uma representação, ainda que ficcional, de valores pré-estabelecidos firmemente, como é o caso do universo do Sítio, é reconfortante. Representa o que Bauman, em sua obra *Identidade*, chama de “abrigo em comunidade”. Quando o Sítio estimula o processo de identificação, usando múltiplos recursos de evocação de conteúdos intersubjetivos, instaura a noção de “pertencimento”, de uma certa estabilidade no que se refere aos papéis sociais e aos sistemas de valores.

No entanto, o Sítio, já nos originais literários, antecipa a fluidez e a porosidade dos tempos globalizados. Visionário, Lobato incorporou personagens de contos de fadas, da literatura européia e da indústria cinematográfica norte-americana ao universo rural paulistano do início do século XX representado em suas obras infantis, em uma espécie de globalização precoce. Procedimento semelhante foi usado nas adaptações televisivas, tanto na de 1978¹¹ como na dos anos 2000.¹² Essa porosidade do Sítio aos elementos externos, tornando extremamente elásticas suas fronteiras, antecipa, nos originais literários, as tendências globalizantes. Nas versões televisivas, vai ao encontro das tendências do momento. Talvez aí resida um dos segredos da permanência e da transcendência do sítio: a elasticidade, a fluidez. Afinal, de acordo com Bauman, “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”.¹³ É o que o Sítio (televisivo e literário) faz: representa traços da identidade rural – tão saudosa e cara aos brasileiros – ancorando-as em características não-conflitantes da modernidade de sua época de enunciação.

⁷ ISER, 1996b, p. 10.

⁸ LOBATO, 1959, p. 14.

⁹ ISER, 1996a, p. 54.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 12.

¹¹ TV GLOBO. *Memórias de Emília*. Versão exibida em 1978. Rio de Janeiro: Som Livre, 2008. DVD.

¹² TV GLOBO. *Memórias de Emília*. Coleção Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Som Livre, 2004. DVD

¹³ BAUMAN, 2005, p. 33.

A ambivalência do Sítio pode ser explicada pelas palavras de Bauman: “é quando descobrimos a ambivalência da identidade: a nostalgia do passado conjugada à total concordância com a ‘modernidade líquida’”.¹⁴ A nostalgia do passado de que nos fala o teórico, no caso do Sítio, refere-se à representação do rural como ambiente idílico, impregnado de saudosismo.¹⁵ É como se o Sítio fosse um “lugar de resistência” dos valores, dos sonhos, dos papéis sociais e familiares bem delineados. Esse espaço de definições é, hoje, o “carrapicho” mais eficiente do universo lobatiano.

Alguns carrapichos

Tanto nas obras literárias quanto nas versões televisivas, o Sítio é um espaço reconfortante. Ninguém trabalha, mas a fartura é constantemente ressaltada, apelando para outros sentidos além do visual e auditivo. É o caso da seguinte passagem de *Memórias de Emília* nas palavras das personagens Alice e Narizinho:

- Que coisa gostosa – murmurou Alice – chupar laranja-lima ao lado de uma anjinho do céu que conta as coisas de lá! Estou mudando de opinião. Emília. Estou achando que esse sítio de Dona Benta é ainda mais gostoso que o nosso Kensington Garden lá de Londres...
- E é mesmo – observou Narizinho. – Não há lugar no mundo que valha o sítio da vovó. Quem o vê pela primeira vez, com estas árvores velhas, todo expandorgado, não dá nada por ele. Mas depois que o conhece não troca nem pela Califórnia, que é um paraíso. O sítio da vovó é gostoso como um chinelo velho.¹⁶

Ao aludir ao “chinelo velho”, o texto remete a sensações táteis de conforto e calor. Essa comparação, jogando ainda com o adjetivo “gostoso”, reitera, por meio da exploração dos sentidos, a representação do Sítio como lugar de segurança, de conforto, em oposição ao

desconhecido, ao estrangeiro: “ainda mais gostoso que o nosso Kensington Garden”. A característica de sítio “expandorgado” é, em parte, ressaltada na versão de 1978.¹⁷ Essa imagem, no entanto, não encontra eco na versão dos anos 2000, que atualiza o cenário, dando-lhe contornos paisagísticos modernos. Esse procedimento se estende, em parte, ao mobiliário, especialmente da cozinha, onde panelas de barro convivem com geladeiras duplex e forno de microondas,¹⁸ representando a já aludida ambivalência do Sítio. Os elementos antigos no cenário encarrapicham o telespectador assim como as descrições equivalentes também o fazem com o leitor. Isso ocorre devido à potencialidade de sentidos nostálgicos imbuídas nesses detalhes. Há sempre uma memória afetiva a ser despertada por esses objetos – algo como “minha avó tinha”, aludindo a um tempo de certezas e, por isso, de felicidades.

Em relação às certezas estabelecidas pelo Sítio, o comportamento previsível de suas personagens, devido às suas características bem delineadas, também é um elemento de conforto “encarrapichador”. Mesmo a boneca Emília, a personagem mais complexa, é previsível: sabe-se que ela irá discordar, inventar, responder, rebelar-se. Como ela fará isso é o elemento criativo. Assim, há papéis pré-fixados: o menino corajoso, a menina inteligente, o sábio, a avó bondosa e permissiva, a cozinheira habilidosa e afável, a rebelde buscando uma causa. Em uma época de colapso de identidades, essas definições, em seu conforto, prendem o leitor ou telespectador, cujo “mundo a sua volta está partido em fragmentos mal coordenados, enquanto suas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados”.¹⁹ O Sítio, então, mostra-se como lugar de plenitude, onde se pode estar por

¹⁴ BAUMAN, 2005, p. 13.

¹⁵ Esse saudosismo em relação ao ambiente rural é um fenômeno que se pode observar no panorama literário brasileiro a partir da década de 1930, época em que o país começava a urbanizar-se. Assim, o rural ficou no remotismo idealizado, como lugar ideal, livre dos problemas e dos males das grandes cidades.

¹⁶ LOBATO, Monteiro. *Memórias de Emília*. São Paulo: Globo, 2007. p. 38.

¹⁷ Na versão de 1978, como se pode ver na versão em DVD comercializada pela Som Livre, na abertura do programa, mostra-se a casa-sede com pintura desgastada e com uma tábua faltando na cumeira. Não há projeto paisagístico, mesclando-se as mais diversas árvores e arbustos.

¹⁸ O forno de microondas aparece como um elemento perturbador na narrativa, representando o conflito entre o tradicional e o moderno. Tal capítulo merece uma análise pormenorizada, fugindo dos limites deste artigo.

¹⁹ BAUMAN, 2005, p. 18.

inteiro, sem assumir diferentes papéis simultaneamente.

Considerações finais

Poder-se-ia apontar inúmeros outros fatores de “encarrapichamento” nas versões televisivas e literária do Sítio, extrapolando-se os limites deste artigo. Há que se salientar, no entanto, que esses fatores direcionam-se para um fator em comum: o estabelecimento de um lugar de conforto, de um porto seguro na tempestade dos mares da modernidade líquida. Se o mundo liquefeito configura-se adverso, inóspito, um espaço atópico,

o universo paralelo do Sítio representa o utópico, o sonho de uma vida feliz, próspera e farta não só nos aspectos materiais mas principalmente no que tange às aspirações emocionais mais profundamente humanas. Mais uma vez, por trás de uma obra infantil, observa-se o conflito dos adultos.

[Recebido em: outubro 2009 e
aceito em: novembro 2009]